



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

UMA (AUTO) BIOGRAFIA SOBRE A PRÓPRIA PRÁTICA
“Ser diferente é “normal”, estranho é ser igual.”

Aluna: Ana Lúcia Ferreira Spalado de Queiroz Henrique
Matrícula: 20102351504

Rio de Janeiro
2015

ANA LÚCIA FERREIRA SPALADO DE QUEIROZ HENRIQUE

Matrícula: 20102351504

UMA (AUTO) BIOGRAFIA SOBRE A PRÓPRIA PRÁTICA

“Ser diferente é “normal”, estranho é ser igual.”

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, na Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como pré-requisito parcial para aquisição do grau de Licenciado em Pedagogia.

Professora Orientadora: Prof. Dra. Lúcia Maria de Freitas Perez

Rio de Janeiro

2015

ANA LÚCIA FERREIRA SPALADO DE QUEIROZ HENRIQUE

Matrícula: 20102351504

UMA (AUTO) BIOGRAFIA SOBRE A PRÓPRIA PRÁTICA

“Ser diferente é “normal”, estranho é ser igual.”

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, na Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como pré-requisito parcial para aquisição do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em / /

Banca Examinadora

Profª Drª Lucia Maria de Freitas Perez – Orientadora: _____

Doutora em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental – IPUB/UFRJ. Mestre em Psicanálise – IPUB/UFRJ. Especialista em Psicanálise e em Psicopedagogia. Coordenadora do Curso de EEEDM/UNIRIO.

Maria Alice de Moura Ramos: _____

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense UFF. Mestre em Educação e Especialização em Educação Especial: Deficiência Visual pela UNIRIO.

Rio de Janeiro

2015

AGRADECIMENTOS

Agradecer é algo primordial em nossas vidas, e por falar em vida, começo agradecendo ao senhor da minha vida, Deus, que com toda sua bondade me fez um ser humano pleno, com saúde e sabedoria. Obrigado senhor, pela dádiva das minhas conquistas, que me fizeram chegar até aqui.

Agradeço também aos meus pais, Antônio e Haide, meus “deuses”, meus exemplos, que me proporcionaram ser tudo o que sou hoje, que me ensinaram a ir à luta, a ganhar a vida, a sair e voltar para casa de cabeça erguida. Vocês não me deram tudo o que eu quis, mas sim, tudo o que eu precisava para vencer!

Não poderia deixar de mencionar meus avós, meus segundos pais, Alzira e Delton e Santa (em memória) e Domingos (em memória), que fizeram com que meu fardo fosse mais leve, que alegraram todos os dias da minha existência, com toda a potencialidade que avós maravilhosos precisam ter! Vocês são responsáveis pelo meu encanto pela vida. Obrigada por cada momento ao lado de vocês e por estarem sempre prontos a ensinar mais alguma coisa.

Obrigado também a todos os meus tios, tias e familiares, que foram essenciais na construção das palavras família e caráter. Com vocês eu aprendi a ser feliz e honesta, a dizer bom dia para a vida e festejar sempre que possível, ainda que tenhamos dor.

Um obrigado mais do que especial ao meu marido, melhor amigo e cúmplice Bruno, que chegou em minha vida na hora certa e me mostrou o que é o amor, nas angústias e dificuldades, nas alegrias e emoções, nós fomos um só, e que, mais do que ninguém, me incentivou para chegar ao final desse trabalho. Agradeço, também, a toda família Machado, que me recebeu como filha, de braços abertos.

Não poderia deixar de agradecer também as minhas companheiras de faculdade e colegas de trabalho, que em meio a dias tão difíceis na educação, não me deixam nunca desistir. Um ajudando o outro sempre, na busca por um mundo melhor e possível.

E obrigado, é claro, as minhas professoras orientadoras, já que eu tive o privilégio de ter duas, Prof^ª. Maria Alice de Moura Ramos e Prof^ª. Dr^ª Lúcia Maria de Freitas Perez. Cada uma teve papel fundamental para a construção desse trabalho, me fazendo enxergar com as melhores lentes possíveis, esse vasto e fantástico universo da Educação Especial. E não menos importante, o meu muito obrigado ao meu aluno mais que especial, mencionado ao longo deste trabalho, que me proporcionou momentos únicos de alegria e a certeza de que estou no caminho certo.

RESUMO

Baseada na experiência com um aluno diagnosticado com síndrome de Asperger, a monografia, voltada para o campo da educação especial, faz um breve percurso histórico sobre os movimentos nacionais e internacionais que marcaram a história da educação especial, bem como do espaço conferido à área no âmbito das políticas públicas. Comenta algumas práticas pedagógicas atuais, centrando-se nas dificuldades enfrentadas no esforço de se estabelecer o paradigma inclusivo, conferindo particular destaque ao preconceito manifesto na intolerância à diferença.

Palavras Chave: educação especial; inclusão; preconceito

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. BREVE HISTÓRICO: OS MOVIMENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	8
1.1. POLÍTICAS PÚBLICAS INCLUSIVAS.....	10
1.2. PRÁTICAS EDUCACIONAIS IMPLEMENTADAS NO MODELO DE INCLUSÃO.....	12
2. SER DIFERENTE É “NORMAL”, ESTRANHO É SER IGUAL.....	14
3. ANÁLISE SOBRE A PRÓPRIA PRÁTICA.....	15
3.1. O SUCESSO DA INCLUSÃO ESCOLAR, A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE UM ALUNO.....	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

Introdução:

O presente trabalho tem como título: “Uma (auto) biografia sobre a própria prática: Ser diferente é “normal”, estranho é ser igual”. Nele, a partir de minha própria experiência enquanto educadora, falo um pouco sobre as dificuldades e possibilidades da educação especial, principalmente no que diz respeito à inclusão, tomando como referência uma prática bem sucedida com um aluno incluído, com Síndrome de Asperger.

Início fazendo um breve relato sobre a história da Educação Especial no Brasil e no mundo, assim como algumas políticas públicas e práticas pedagógicas inclusivas já implementadas no modelo de inclusão. Em seguida, trato da questão do preconceito, buscando desenvolver uma reflexão sobre os conceitos de normal e patológico.

De certa forma, as questões que me motivaram a desenvolver esse trabalho foram geradas em 2008, quando ainda era estudante do curso normal (formação de professores) e participei de um Simpósio, em São Paulo, que tinha por título a seguinte frase: “Mudar a educação para mudar o mundo”. Frase que inquietou meus pensamentos, pois era exatamente o que buscava, o que queria dizer o tempo todo! Era disso que o mundo precisava e era o que eu estava disposta a fazer!

Com o passar dos anos, fui percebendo o quanto isso era difícil, que mudar a educação não era uma tarefa tão simples, e o mundo menos ainda. Assim como ocorre com muitos profissionais da educação, ainda no começo da minha carreira, já estava um pouco desanimada, tendo em vista a decepção que senti ao me deparar com a realidade da prática educativa. Entretanto, justo neste momento, a vida deu uma reviravolta em minha rotina, e me deu de presente um novo desafio: lidar com a Educação Especial, uma “educação” que, muitas vezes, parece estar distante das salas de aula.

O encontro com a Educação Especial reascendeu dentro de mim aquela frase, contudo, desta vez, eu não queria mudar a educação e o mundo, eu queria contribuir para a transformação das lentes com as quais as pessoas enxergam as crianças (d)eficientes, que, de maneira nenhuma, precisam ser vistas apenas pelo viés da incapacidade ou do excesso de fragilidade.

1. Breve Histórico: Os movimentos nacionais e internacionais da Educação Especial

*“Há homens que lutam por um dia e são bons.
Há outros que lutam por um ano e são melhores.
Há outros, ainda, que lutam por muitos anos e são muito bons.
Há, porém, os que lutam por toda a vida.
Estes são os imprescindíveis.”*
(Bertolt Brecht)

O processo de inclusão escolar para alunos com deficiência é muito recente, nos fazendo refletir sobre a história do que hoje denominamos Educação Especial. Da antiguidade, chegamos a relatos de torturas, segregações, lágrimas e privações, ficando clara e notória a não aceitação desses sujeitos, como ilustra um dos maiores e mais influentes livros da história da humanidade, a Bíblia Sagrada, que em seu livro de Levítico, no capítulo 21, nos versículos 17 até 20, diz:

“17 Fala a Arão, dizendo: Ninguém dentre os teus descendentes, por todas as suas gerações, que tiver defeito, se chegará para oferecer o pão do seu Deus. 18 Pois nenhum homem que tiver algum defeito se chegará: como homem cego, ou coxo, ou de nariz chato, ou de membros demasiadamente compridos, 19 ou homem que tiver o pé quebrado, ou a mão quebrada, 20 ou for corcunda, ou anão, ou que tiver defeito no olho, ou sarna, ou impigens, ou que tiver testículo lesado.”
(Bíblia Sagrada, Levítico, 21: 17-20)

Sendo assim, num breve histórico das práticas efetuadas com pessoas deficientes vemos uma série de absurdos em seu tratamento, como se fossem a escória da sociedade. No Egito, por exemplo, eram considerados intermediários entre Deus e os homens. Já na Grécia e na Roma Antiga, tanto os nobres como os plebeus, tinham permissão para sacrificar os filhos que nascessem com algum tipo de deficiência.

Na Idade Média, as incapacidades físicas e os sérios problemas mentais, além da malformação congênita, eram considerados sinais da ira divina e taxados como “castigo de Deus”, o que acarretou no final do século XV, a questão das pessoas com deficiência já estava associada ao contexto de pobreza e marginalidade em que se encontrava grande parte dessa população. Ainda nessa época, pessoas cegas, surdas,

deficientes mentais e físicos, eram frequentemente exploradas em casas comerciais, bordéis e circos, para serviços humilhantes, sendo conhecidos também como os bobos da corte.

No período histórico da Inquisição, muitas vidas foram ceifadas, com a justificativa de que eram pessoas alucinadas e endemoniadas. Contudo, Pedro Ponce de León (1520-1584), monge católico da ordem dos beneditinos, inicia mundialmente a história da educação para surdos, dando, a partir de então, um pontapé para a percepção das pessoas deficientes, sendo vistas a partir de agora, com um olhar diferenciado. Nos meados do século XV até o século XVIII, foi fortalecida a ideia de que o grupo de pessoas com deficiência deveria ter atenção própria, não sendo relegado apenas a uma parte integrante da massa de pobres e/ou marginalizados, sendo assim, em diferentes países europeus foram construídos os primeiros locais de atendimento específico para pessoas com deficiência, além dos já existentes abrigos e asilos para pobres e idosos, mantidos por entidades religiosas.

Em 1784, foi fundada em Paris, a primeira escola para cegos, por Valentin Haüy, e através de Louis Braille, um de seus discípulos que perdeu a visão aos três anos de idade, foi criado um sistema de leitura tátil, hoje conhecido como Sistema Braille, para cegos. Entretanto, somente em 1854 foi criado no Brasil, o Imperial Instituto para Meninos Cegos, hoje conhecido como Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro.

“A fundação do Imperial Instituto deveu-se, em grande parte, a um cego brasileiro, Jose Álvares de Azevedo, que estudara no Instituto dos Jovens Cegos de Paris, fundado por Valentin Haüy no século XVIII. Por ter obtido muito sucesso na educação de Adélia Sigaud, filha do Dr. José F. Xavier Sigaud, médico da família imperial, José Álvares de Azevedo despertou a atenção e o interesse do Ministro do Império, Conselheiro Couto Ferraz. Sob a influência de Couto Ferraz, D. Pedro II criou tal Instituto, que foi inaugurado no dia 17 de setembro de 1854, cinco dias após sua criação. Para dirigi-lo foi nomeado o Dr. Xavier Sigaud, cujo busto em mármore se encontra no salão nobre daquela casa de ensino.”

(MAZZOTTA, 2005, p. 28)

Já em meados do século XIX, as pessoas com deficiência passaram a ser objeto de debate público e ações políticas, embora seus assuntos fossem tratados em ritmos variados de um país para o outro. No Brasil esse movimento ficou marcado com a fundação de alguns institutos responsáveis por cuidar do tratamento dessas pessoas.

Em São Paulo, no ano de 1862, foi fundado o “Hospício Velho”, que tinha como objetivo, tirar das ruas da cidade os “loucos”. Já em 1874, foi fundado o Hospital Psiquiátrico da Bahia, sob a administração da Santa Casa de Misericórdia. No Recife, foi inaugurado o “Hospício de Alienados”, no ano de 1883, o qual passou a se chamar Hospital de Doenças Nervosas e Mentais nos anos de 1924 até 1981, e que nos dias atuais é conhecido como Hospital Ulysses Pernambucano. Em Porto Alegre, também vinculado à Santa Casa de Misericórdia, foi inaugurado o segundo grande hospital dessa modalidade no Brasil, no ano de 1884.

Atualmente, temos alguns modelos médicos que influenciaram e marcaram época nas questões das pessoas com deficiência, uma dessas pessoas se chama Philippe Pinel, médico que considerou doenças mentais como resultados de tensões sociais excessivas, de causa hereditária, ou ainda originadas de acidentes físicos, desprezando a crença de que fossem resultado de possessão demoníaca. E a também médica e ainda educadora, Maria Montessori, que desenvolveu um programa de treinamento para crianças deficientes mentais, baseado no uso sistemático da manipulação de objetos concretos.

Já na década de 1940, cunhou-se a expressão “crianças excepcionais”, cujo significado se referia a “aquelas que se desviavam acentuadamente para cima ou para baixo da norma do seu grupo em relação a uma ou várias características mentais, físicas ou sociais” (Figueira, 2008, p. 94). O senso comum indicava que estas crianças não poderiam estar nas escolas regulares, do que decorre a criação de entidades até hoje conhecidas, como a Sociedade Pestalozzi de São Paulo (1952) e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE do Rio de Janeiro (1954). Essas entidades, até hoje influentes, passaram a pressionar o poder público para que este incluísse na legislação e na dotação de recursos a chamada “educação especial”, o que ocorre, pela primeira vez, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

1.1. Políticas Públicas Inclusivas

No Brasil, o direito à educação para todos foi consagrado ainda na época do Império, pela Constituição de 1824, contudo, somente em 1948, foi aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos,

na qual se afirmava o princípio da não discriminação, proclamando o direito de toda pessoa à educação, inclusive o “portador de necessidades especiais”.

A partir de 1957, o governo Federal passa a promover campanhas isoladas para alocação de recursos financeiros específicos para projetos voltados para o atendimento do PNE. A primeira a ser organizada foi a Campanha para Educação do Surdo Brasileiro - CESB, em 1957, seguida da Campanha Nacional de Educação e Reabilitação dos Deficientes da Visão, em 1958 e da Campanha Nacional de Educação e Reabilitação de Deficientes Mentais em 1960. (EDUCAÇÃO, Portal)

Essas campanhas tinham por objetivo buscar recursos para promover a educação às crianças PNEs¹, em todo o território nacional. Entretanto, somente com a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB n.º 4024/61, as pessoas com deficiência passaram a ter um novo olhar no âmbito educacional, isto fica claro nos artigos abaixo, do capítulo III, da mesma lei:

"Art. 88 - A educação de excepcionais deve no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de ensino, a fim de integrá-lo na comunidade"; Art. 89 - "Toda iniciativa privada considerada eficiente pelos conselhos estaduais, receberá dos poderes políticos, tratamento especial mediante bolsas de estudos, empréstimos e subvenções"

(Brasil, 1961).

Nesse contexto, percebemos que a Educação Especial começa a ter o caráter integralizador, no sentido educacional e social. Além da educação para a formação de cidadania, o governo começou a objetivar um ensino profissionalizante para pessoas com deficiência, para que estas também comessem a fazer parte do mercado de trabalho. Contudo, apesar de existir as Classes Especiais, Escolas Especiais ou regulares, com alunos incluídos, dependia-se primordialmente dos alunos PNEs que a adaptação fosse bem sucedida, mediante ao que o sistema lhes ofereciam, tendo em vista ainda a falta de estrutura, recursos e falta de preparo e capacitação dos profissionais da área.

Somente com a implementação da Constituição Federal Brasileira de 1988, fica assegurada a democratização da educação, reconhecendo a assistência social como dever do Estado. De acordo com Mendes (2010), essa lei também delinea uma formação para o trabalho, humanística, científica e tecnológica do país, garantindo que a

¹ Portador de Necessidades Especiais

educação para as pessoas com deficiência tinha que ocorrer preferencialmente na rede regular de ensino, com o direito ao atendimento especializado.

Esse novo modelo de educação inclusiva inicia uma incessante busca por alternativas pedagógicas para inserção preferencialmente no sistema regular de ensino (direito previsto no artigo 208 da Constituição Federal de 1998) de todos os alunos, sendo intensificado nesse contexto políticas educacionais de integração.

“Este modelo, que até hoje ainda é o mais prevalente em nossos sistemas escolares, visa preparar alunos oriundos das classes e escolas especiais para serem integrados em classes regulares recebendo, na medida de suas necessidades, atendimento paralelo em salas de recursos ou outras modalidades especializadas.”

(GLAT; FERNANDES, 2005, p.37).

Alguns anos depois, uma das mais importantes iniciativas legais, no tocante à Educação Especial pode ser atribuída a LDB n.º 9394 de 1996, que promove uma visibilidade à modalidade de Educação Especial deixando-lhe reservado todo um capítulo. A LDB estabelece que o atendimento às pessoas com necessidades educacionais deve ocorrer preferencialmente na rede regular de ensino, permitindo a existência de classes e escolas especiais quando não for possível a adequação desses alunos nas classes comuns do ensino regular.

“Portanto, a adequação e modificação são transferidas da pessoa ao ambiente. Agora é a escola que precisa se modificar para atender às necessidades específicas de cada aluno, valorizando a diversidade e a identidade singular de cada indivíduo a favor do enriquecimento social das relações e o aumento do respeito, promovendo assim, uma sociedade mais igualitária.”

(LITWINCZUK, 2011)

1.2. Práticas Educacionais implementadas no modelo de Inclusão.

Ainda no ano de 2015, estamos longe do ideal de inclusão. Mesmo com toda a transformação que vem sendo feita no âmbito da educação especial, nota-se que as mudanças vêm ocorrendo a passos muito lentos.

Ainda que as propostas educacionais estejam em ebulição e que os profissionais que trabalham nessa área saibam e digam a todo o tempo o que é preciso fazer, a realidade é bem diferente. Vemos propostas educacionais que ainda não alcançam o ideal de inclusão, e quando alcançam é no papel, sendo quase impossível de se conseguir valer. A falta de profissionais qualificados nessa área está muito aquém da demanda, prejudicando muito o bom funcionamento do sistema de inclusão.

Infelizmente, contamos muito com a boa vontade e o interesse das pessoas em vestir essa camisa e fazer o seu melhor. Os professores são os melhores exemplos disso, já que tem uma formação profissional na qual não foram desenvolvidas muitas competências imprescindíveis para o trabalho na área. Há professores mais antigos, que nem sequer tiveram esse tema em suas grades de estudos, num tempo não tão distante assim. E, mesmo aqueles que se formaram há menos tempo e que puderam receber a disciplina de Educação Especial, em curso de formação de professores a nível médio, ou superior, ainda não se sentem preparados para o trabalho nessa área.

Ainda é muito pouco o que sabemos sobre como receber um aluno incluído e, quando isso ocorre, sabemos que no, mínimo, este deve receber, por direito, um mediador, uma pessoa capaz de orientar o aluno e aplicar o currículo adaptado pelo professor regente, de maneira que alcance a criança que está sendo apoiada. Contudo, na maioria das vezes, esse profissional é um estudante estagiário, que tem todas ou mais dúvidas que o próprio professor, isto sem contar que este estagiário não precisa necessariamente estar cursando formação de professores, ele pode estar cursando qualquer curso, pois a demanda é tamanha que não se pensa na qualidade do serviço prestado.

E se o educando frequenta uma instituição particular de ensino, a responsabilidade por esse mediador/funcionário é toda dos pais da criança, portanto os pais irão selecionar um candidato ideal para mediar as atividades de seu filho na sala de aula, o que, muitas vezes, é feito por intuição, já que os pais não sabem necessariamente os pré-requisitos que este profissional precisa ter. Neste modelo, o mediador passa a ser funcionário dos pais e não da escola, tendo em vista que a família deverá pagar além da mensalidade da escola, o salário deste funcionário, que trabalhará dentro da escola, mas não fará parte da equipe escolar, o que isenta a escola de se responsabilizar pelo processo.

2. Ser diferente é “normal”, estranho é ser igual.

Quando penso a respeito desse tema, fico imaginando porque nos dias atuais, ainda precisamos vender essa idéia, de que a pessoa com necessidades especiais é cidadão como qualquer um e merece o mesmo respeito que qualquer um. “Ser diferente é normal”, é um lema que vem sendo usado na mídia e em tantos outros veículos de comunicação, para mostrar à população a naturalidade do assunto.

O que é difícil de aceitar é que uma sociedade, que ao longo de séculos, vem lutando e defendendo assuntos polêmicos, como o feminismo, a homossexualidade, a bigamia, a pena de morte, o aborto, a eutanásia, entre outros, não é capaz de lutar e agir com naturalidade em meio a especificidades de pessoas, que diferente deles, não nasceram com sua saúde em pleno funcionamento, e por isso, precisam de uma atenção e cuidado especial. Não se trata de pena, piedade ou favor, se trata de respeito à condição de cada ser humano, respeito ao direito de cada um ser do jeito que quiser, andar, falar, comer e fazer aquilo que lhe é cabível, sem que pessoas fiquem olhando ou julgando.

Pessoas com necessidades especiais passam por isso o tempo todo nas ruas e nos lugares que freqüentam. Não saem de casa nem um dia sequer, sem que pelo menos que uma pessoa os olhe com ar de curiosidade, de inquietação. Contudo, pensemos, deve ser um tanto quanto desagradável estar nessa situação, não é mesmo? É como se num determinado dia você saísse de casa com uma roupa furada ou transparente, sem nem se dar conta disso, e ao notar que todos o olham com estranheza, fazendo caras e bocas, você resolve procurar o defeito em você, e quando se dá conta do furo ou da transparência, o que preferir, morre de vergonha porque todos te olharam, te julgaram, mas ninguém foi capaz de olhar pra você e falar: “-Ei! Sua blusa ta furada!”, e continuar o que estava fazendo. Isso sem falar que não há problema algum em ter um furinho na roupa, as máquinas de lavar fazem isso com elas sem que percebamos, ou então, que mulher nunca colocou uma *lingerie* errada por baixo de alguma peça e se sentiu desconfortável com isso!? Pois é, todos já passaram por isso e é absolutamente normal, assim como o fato de alguém ter determinada síndrome, doença, paralisia, ou o que quer que seja, também é normal.

Pessoas ficam doentes todos os dias, fazem tratamentos e tomam remédios, e nem por isso escutam pelas ruas: “-Ih! Esse ai toma remédio!” Remédios foram feitos

para tratar e/ou curar doenças, e não há problema algum nesse fato, já que é um bem comum a todos. Pena não existir remédio para o preconceito, para a ignorância e para a intolerância, principalmente num mundo onde as pessoas nem de longe são iguais.

Vivemos em um século onde a liberdade e o pluriculturalismo andam juntos, onde pessoas se vestem como querem, andam como se acham confortáveis, usam o cabelo que quiserem, fazem o que bem entendem, escutam as músicas que lhes convém e são da religião que escolherem ser, em suma, são o que lhes agradam. As pessoas são, portanto, diferentes entre si, e é nesse ponto que quero chegar, onde o que a sociedade precisa compreender é que todos nós somos DIFERENTES, e essa condição nos faz sermos pura e simplesmente seres humanos.

Entendo, com isto, que pessoas com necessidades especiais não precisem sair na rua com uma plaquinha, se justificando por estarem usando determinado aparelho, cadeira de rodas, e/ou qualquer outro objeto que necessite para ter uma vida mais saudável; não precisam explicar porque estão rindo ou chorando, ou falando alto com seus pensamentos, e ainda porque estão usando casaco no verão.

Cada pessoa é capaz de decidir o que lhe é mais agradável em cada ocasião, é capaz de saber o que lhe é permitido e o que não é, cada um é capaz de viver livremente, sem julgamentos, porque o que de fato seria muito estranho é que todos fossem iguais, falassem igual, se vestissem igual, com cabelos iguais, sonhos iguais, histórias iguais, famílias iguais, tudo igual. O mundo ia mesmo ser muito estranho! Mas ainda bem que *“ser diferente é “normal”, estranho é ser igual”*.

3. Análise sobre a própria prática.

Sou professora da educação básica, tenho 25 anos e há cinco anos leciono na rede pública municipal do Rio de Janeiro, na Escola Municipal Nicolau Antônio Taunay, localizada no bairro de Inhaúma, atendendo alunos oriundos das comunidades do Complexo do Alemão, que ficam ao entorno do bairro.

Minha trajetória como professora de alunos com (d)eficiência começou no dia em que fui escolher a escola em que eu iria lecionar, tendo passado para o concurso de professor de Ensino Fundamental do Município do Rio de Janeiro. O local de escolha é na Coordenadoria Regional de Educação, responsável pelos bairros de abrangência de cada Região administrativa, que o candidato seleciona no ato da inscrição do concurso. Por certo que cheguei a este local na expectativa de escolher uma escola próxima a

minha residência, e uma turma regular do Ensino Fundamental, contudo as coisas não se deram bem assim, e o destino estava me preparando uma bela surpresa, naquele exato momento.

No ato da escolha, eu e as professoras que aguardávamos em ordem para a escolha da escola, ouvimos da funcionária responsável pelo setor a seguinte pergunta: “Alguma de vocês tem especialização em Educação Especial?”, e prontamente uma das professoras respondeu que sim, que tinha especialização. Então, foi oferecido a ela prioridade de escolha, para lecionar para uma turma de Classe Especial, de alunos DMU (Deficiências Múltiplas), neste momento a professora respondeu de imediato dizendo que não tinha interesse. Então, a funcionária se retirou e ficou ausente por longos minutos, e quando voltou reformulou sua pergunta dizendo: “Alguma de vocês tem interesse em trabalhar com Educação Especial?”, e naquele mesmo instante, tive muitas lembranças marcantes e, em questão de segundos, lembrei-me da fala amorosa que minha professora do Normal, Sônia Pellegrini², tinha em relação aos alunos (d)eficientes, como ela gostava de nos ensinar (e como tenho os tratado ao longo deste trabalho), e quase como que uma reação espontânea respondi: “Eu tenho!”, e então imediatamente fui direcionada para a nova escola, que não era nada perto da minha casa e bastante contramão, mas certa de que tinha feito a escolha certa. E realmente tinha, neste mundo novo, conheci alunos que precisavam muito de mim, pois estes, em específico, ficavam todo o tempo nas suas cadeiras de rodas, completamente debilitados, onde alguns deles nem sequer se mexiam, mas que possuíam sempre em seus rostos um sorriso, mais verdadeiro do que qualquer outro me oferecido. Ali eu me senti realmente útil, me senti mínima diante das tantas dificuldades que aqueles alunos e suas famílias passavam, para se manter simplesmente vivos. Naqueles dias eu percebi o verdadeiro significado da palavra amor e da palavra vida, pois eles me ensinaram o quanto eles amam viver, e que o mundo é muito maior do que nossos problemas e lamentações, ensinaram-me que a grande maravilha de nossas vidas é acordar dia após dia, saudáveis e vivos, que coisa boa de Deus é sentir o calor do Sol em nossa pele, o

² PELLEGRINI DE AZEREDO, Sônia Maria. Possui graduação de Licenciatura em Psicologia, pela Faculdade de Humanidades Pedro II (1973), graduação em Formação de Psicólogo, pela Faculdade de Humanidades Pedro II (1974) e mestrado em Psicologia Social, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1993). Atuou na área de Psicologia, com os seguintes temas: práticas de formação, análise institucional, formação de professores, educação especial e psicologia escolar.

vento em nossos rostos e até a chuva molhando a natureza, e que principalmente, a vida não é eterna, por isso precisamos aproveitar cada momento como se fosse o último.

Lembrei-me também de um movimento literário “*Carpe Diem*”³ e passei a viver cada dia da minha vida como se fosse o último, aproveitando cada minuto de alegria, agradecendo a Deus pelas dificuldades, que me faziam aprender sempre, e vendo beleza em coisas que antes pareciam banais.

O trabalho em si, com a Classe Especial foi bem sucedido, apesar das dificuldades e limitações, não só da turma, como também do ambiente de trabalho, que pouco favorecia o aprendizado deles, e me exigia muita criatividade, contudo permaneci com eles durante o período de dois anos, e devido à experiência adquirida neste tempo com alunos especiais, no terceiro ano de trabalho, nesta mesma escola, lecionei para uma turma de 4º ano do ensino fundamental, onde haviam dois alunos incluídos. Um deles foi me confiado pela direção da escola, devido a minha experiência com alunos da Classe Especial, já que este chegou à nossa escola com muitas recomendações de cautela, com diagnóstico de Síndrome de Asperger⁴ (CID 10 F84.5)⁵ vindo de uma Classe Especial de outra escola do município, onde frequentou durante sete anos apresentando sérios problemas comportamentais.

Além disso, a idade deste aluno destoava do restante da turma, que oscilava entre nove e dez anos, enquanto ele já tinha treze anos completos e era visivelmente maior do que os outros colegas de turma. Ao ler o relatório encaminhado pela outra escola, confesso que tive grande receio em como lidar com ele, já que neste constava que o aluno tinha freqüentes transtornos de comportamento, crises de agressividade e desequilíbrio emocional, além da informação sobre seu horário reduzido, no qual permanecia na escola apenas por duas horas, devido à grande dificuldade em aceitar a movimentação característica do ambiente escolar. Dizia também que o aluno ainda

³ O uso de expressões em latim era comum no Arcadismo. Elas estavam associados ao estilo de vida simples e bucólico. *Carpe Diem*: "aproveitar a vida", o pastor, ciente da efemeridade do tempo, convida sua amada a aproveitar o momento presente.

⁴ Transtorno caracterizado por uma alteração qualitativa das interações sociais recíprocas, semelhantes à observada no autismo, com um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Diferente do autismo clássico, não se acompanha de um retardo ou de uma deficiência de linguagem ou do desenvolvimento cognitivo. Os sujeitos que apresentam este transtorno, são em geral muito desajeitados. As anomalias persistem frequentemente na adolescência e idades adulta. O transtorno se acompanha por vezes de episódios psicóticos no início da idade adulta.

⁵ Classificação Internacional das Doenças

estava em construção das habilidades de leitura e escrita, apresentando grande dificuldade, o que também me preocupou, já que ele estaria incluído numa turma de 4º ano, onde as atividades já não são mais de alfabetização.

Contudo, para minha surpresa, ao conhecer o aluno no primeiro dia de aula, ele se mostrou bastante paciente, calmo e um tanto tímido. Tais comportamentos eram, de certa forma, esperados, devido à brusca mudança no ambiente escolar e da turma, que antes tinha apenas cinco alunos, apresentando, também, comprometimentos e agora se tratava de trinta alunos muito espertos.

Na primeira atividade que fizemos na sala, uma dinâmica de apresentação, percebi que ele não estava muito acostumado a lidar com tantas crianças juntas, pois todas as vezes que alguém ria, mesmo que fosse da própria dinâmica, ele reclamava comigo dizendo que estavam rindo dele, mas mesmo com tanta desconfiança, demonstrou muita inteligência e capacidade de observar tudo o que estava ao seu redor, como por exemplo, minha aliança na mão direita.

No final da dinâmica o aluno chegou perto de mim e brincando perguntou:

- Professora, como vai seu noivo?

Eu fiquei muito surpresa com a pergunta, até porque não havia mencionado nada sobre minha vida pessoal e também porque ele havia acabado de me conhecer, como poderia saber se eu tinha noivo ou não, e perguntei:

- Noivo? Como você sabe que eu tenho noivo?

E ele prontamente respondeu:

- Ué! Você tem aliança na mão direita!

Inacreditável! O aluno que eu imaginava ter recebido, na verdade não apresentava nenhuma daquelas características, muito pelo contrário, estava se comunicando muito bem, me questionava todas as regras de rotina e conseguia fazer todo e qualquer trabalho proposto para turma. De certo que no início sua letra ainda era bem garranchada, mas com o tempo começou a tomar melhor formato, e também era a primeira vez que se deparava com este tipo de situação, uma sala de aula, com tantos alunos, muito trabalho e uma rotina cheia de atividades, na qual ele se adaptou com grande facilidade, inclusive porque ele mesmo não se considerava especial, ele me dizia algumas vezes que não sabia porquê as pessoas falavam que ele era especial, e eu o questionava se ele achava que era assim, mas a resposta era sempre negativa, e o apoiava, completando que ele era igual a qualquer outro aluno da turma.

Com o passar do tempo o aluno ia demonstrando alguns comportamentos repetitivos, como sua pouca tolerância a barulhos, a implicância constante com os mesmos alunos, que por sua vez também implicavam com ele, embora também manifestasse grande afetuosidade por mim e pelos colegas, com grande quantidade de abraços durante o dia. Do ponto de vista cognitivo, destacavam-se grande curiosidade, habilidade em fazer cálculos matemáticos mentais com números grandes, sendo capaz, por exemplo, de perguntar o ano do nascimento de uma pessoa e, em seguida, descobrir sua idade.

Não era muito flexível à alteração da rotina, pois ele controlava todos os horários da turma e sempre sabia o que iria acontecer, e quando não acontecia ele ficava extremamente chateado. Quando era contrariado ficava muito nervoso e suado e apresentava momentos de descontrole emocional, onde arremessava objetos dos amigos, atirando-os pela janela ou pela sala, gritando. Tais situações de descontrole eram logo resolvidas com uma conversa e questionamentos sobre o que ele tinha acabado de fazer. Após uma breve reflexão, percebia que tinha perdido o controle, pedia desculpas e dizia que tinha ficado muito nervoso, depois tudo voltava ao normal. Tinha que agir com ele com muita cautela e naturalidade, pois se o adulto demonstrasse claramente sua irritação com ele seu descontrole aumentava.

Seu avanço era notório, seu caderno estava cada vez mais bonito e completo, contudo, houve algumas intervenções em sua vida escolar que ao invés de ajudarem ao aluno a evoluir cada vez mais, o deixaram cada vez mais confuso e perfeccionista. Dentre essas, destacamos a intervenção de sua médica neuropediatra, que o acompanha desde muito novo, e que começou a lhe dizer que sua letra, até então feita em bastão, não estava correta, e que precisava ser feita de forma cursiva. Esta nova informação fez com que o aluno, que tinha pouca coordenação motora, começasse a tentar fazer a letra cursiva, perdendo mais tempo da aula copiando e apagando o que escrevia, diversas vezes. Isto fez com que perdesse muito tempo e sua letra não estava mais legível como antes. A leitura e a escrita, que antes eram priorizadas por mim e por ele, agora tinha ficado de lado. Seu principal objetivo era transformar sua letra, mesmo que eu dissesse que isto não era preciso, que não era necessário e que não era importante para ele. Minhas palavras já não tinham mais valor, e ele continuava insistindo na mudança, persistentemente, o que também é uma característica de sua síndrome, e isto se deu até o final do ano.

Já nas aulas extracurriculares, era muito seletivo, e apesar de participar de todas, tinha lá suas preferências, principalmente pelos professores. Assim como as pessoas são diferentes, os profissionais também são diferentes, e ele conseguia fazer essa análise, se tornando pouco tolerante em algumas aulas. Os principais problemas gerados pelo aluno eram sempre na aula de algum outro professor, seja porque ele não queria obedecer, ou por não se identificar com determinado professor, ou simplesmente por querer chamar atenção, ou ainda pelo simples fato de não querer fazer a atividade proposta para a aula, como, por exemplo, a aula de Educação Física, na qual se exigia dele a prática de exercícios, o que não lhe agradava.

Esses comportamentos específicos, às vezes faziam sua “fama” se espalhar pela escola, principalmente por ele ser o maior aluno que nós tínhamos. Contudo, não era esse o aluno que ele demonstrava ser na sala de aula, já que deixava bem claro para todos, inclusive para os colegas, que estava ali para estudar, que queria aprender. Dizia para os colegas que esses brincavam e conversavam muito, que não iriam passar de ano, e coisas do tipo, confirmando seu interesse pelo aprendizado, já que tudo aquilo era um mundo novo para ele, uma nova realidade.

Em nossa escola, existe uma sala de recursos, que oferece atendimento educacional especializado, com uma professora capacitada neste tipo de trabalho, pelo Instituto Helena Antipoff, atendendo os alunos incluídos nas turmas regulares da escola e redondezas, no contra turno de suas turmas. Esse atendimento é importante para adaptar o conteúdo curricular trabalhado pela professora regente da turma, à realidade do aluno, onde inclusive as provas bimestrais são adaptadas pela professora da sala de recursos, para cada aluno em específico.

No caso do aluno em questão, seu desempenho e interesse eram tão grandes que ele não queria fazer suas provas com a professora da sala de recursos. Ele fazia questão de fazer a prova na sala, junto com toda a turma, na mesma hora que seus colegas de turma, e inclusive sem adaptação. Ele queria, e era, igual aos outros! Ele não queria ser tratado de forma diferente! Felizmente, seus resultados nas provas confirmavam que, de fato, a adaptação, em seu caso, não era necessária. Mesmo depois que já tinha feito a prova na sala, ele repetia a prova com a professora da Sala de Recursos, e as notas de ambas eram sempre muito próximas ou iguais, confirmando cada vez mais seu bom desempenho.

Ao descrever aqui um pouco da minha rotina, do meu dia a dia e das minhas dificuldades com meu aluno com Síndrome de Asperger, posso fazer uma análise do

que venho tentando promover a este e a outros alunos, no calor do cotidiano, trabalhando para a inclusão.

3.1. O sucesso da inclusão escolar, a partir da trajetória de um aluno

Proponho-me, agora, a me aprofundar na trajetória educacional deste aluno, visando evidenciar, a partir de suas dificuldades e conquistas, como o sucesso dos alunos depende muito da forma com a qual o educador lida com a personalidade e centros de interesse de seus educandos, ressaltando sempre o quão único, cada aluno possa ser.

No caso deste, no início, me gerou grande preocupação, quando o recebi em 2013, numa turma de 4º ano do Ensino Fundamental, com o seguinte relatório:

Rio de Janeiro, 12 de Novembro de 2012.

RELATÓRIO

O aluno F, 13 anos, está devidamente matriculado em Classe Especial para alunos com Transtorno Global do Desenvolvimento desta Unidade Escolar. O aluno possui frequência irregular devido aos tratamentos que realiza.

estuda com mais cinco alunos e encontra-se no momento com horário adaptado, permanecendo na escola por duas horas. Tal adaptação ocorre devido a dificuldade em aceitar a movimentação característica do ambiente escolar. Esta dificuldade do aluno causa transtornos de comportamento, agressividade e desequilíbrio emocional.

Cognitivamente, o aluno não apresenta grandes dificuldades. Gosta de realizar as atividades propostas em sala de aula e está em processo de construção das habilidades de leitura e escrita. Bruno demonstra maior facilidade e interesse em trabalhar com os conteúdos matemáticos.

Não tem autonomia, necessita sempre de ajuda, lê pronunciando apenas os fonemas simples, apresentando dificuldade em pronunciar palavras com encontros consonantais, mesmo assim demonstra interesse.

Na leitura, como também na escrita, apresenta dificuldade devido ao seu problema fonoaudiológico, portanto, escreve conforme lê. Domina os conteúdos matemáticos básicos e as operações de adição e subtração sem recurso e sem reserva.

À disposição para qualquer esclarecimento,

A partir da leitura desse relatório, fiquei extremamente preocupada e apreensiva quanto às possibilidades de trabalho com esta criança que iria chegar. Contudo, para minha surpresa, encontrei um aluno bem diferente do que havia imaginado: este era

muito amoroso, carinhoso, interessado, assíduo e capaz de realizar todas as tarefas propostas para a turma, ainda que em seu tempo.

Com o passar dos dias, fui percebendo a inteligência fantástica e o humor super apurado, por de trás da máscara que fantasiei em minha cabeça. Cada vez mais era delicioso estar com ele e com a turma, num grande aprendizado coletivo.

Entretanto, me entristecia muito ver em alguns momentos as inquietações e inseguranças de um aluno, que por toda a sua vida teve uma trajetória de relatos clínicos com indicativos de algum tipo de transtorno e, até mesmo de psicose infantil, pois ele (o aluno) não aceitava ser “diferente” dos outros. Para ele, e para mim também, era uma criança/adolescente, perfeitamente normal e queria descobrir o mundo, sem que ninguém o tratasse diferente, ou o ficasse olhando com curiosidade.

Como poderemos ver nos anexos a seguir, desde criança, o estudante/paciente foi caracterizado com distúrbios e transtornos, o que o deixavam muito triste.

 PREFEITURA
DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Saúde

Receituário

Unidade	
Nome	
Matrícula	Laudo Neurológico

O menor acima
lucifica-se sob os meus
cuidados por apresentar
CID. P. 0: F-89, tran-
stornos de trata-
mento medicamentoso
e multidisciplinar.

1

Data	Médico - Carimbo <i>Moraes</i>
------	--------------------------------

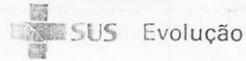
Anexo 1 – 26/09/2005

Anexo 2 - 11/04/2005



PREFEITURA
DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO

Secretaria
Municipal
de Saúde



Unidade: PAM Rodolpho Matrícula: 155569

Data	Relato
	Relato 2010
	Laudo Psicológico
	(5 anos) realiza
	tratamento psicológico nesta unidade
	de desde janeiro/2003. Realiza tam.
	há tratamento psicológico.
	O paciente iniciou o tratamento
	com grande comprometimento de
	feição, limitando a seus pontos de
	visão. Moradia sozinha e não su-
	porta o contato com outras crianças
	ou não no consultório ou no ambiente
	de estudo de modo a atender
	este quadro se trata um diagnóstico
	que indica o autismo.
	Contato com o desenvolvimento
	de habilidades, principalmente
	na fala e na interação social.
	Relatando a fala quando é chamado
	por meio de busca o contato com
	outros.
	Porém, vale ressaltar que a fala de
	é bastante estereotipada
	monotônica, na qual ele repete a
	palavra.

Relato

Seu comportamento e desempenho escolares também estão abaixo do esperado, tendo sido sugerida a possibilidade de uma escola especial, pois [redacted] não consegue acompanhar os aulas de sua turma.

Tendo em vista esse quadro, sus-
teúdo um diagnóstico de possível
intelectual e solicita uma avaliação
psiquiátrica ou de uma equipe
de saúde mental.

epato,

//

11/4/05



PREFEITURA
DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO

Secretaria Municipal de Saúde

Receituário

Unidade	PM Rodolpho Pocco
Nome	[Redacted]
Matricula	155569

Paciente de 8 anos, em
tratamento psicológico
nesta unidade desde
janeiro/03. Apresenta
quadro sugestivo de
psicose infantil, com
grave transtorno de lin-
guagem, que foi adquiri-
do muito tardiamente,
comprometimento social
e escolar também presente.

F 84.9

30/11/07

Data	Médico - Carimbo
[Redacted]	[Redacted]

Através destes e do próprio relato do aluno, ficava claro que ele ainda não havia tido uma experiência inclusiva, nem na sociedade e muito menos na escola, e por isso, por essa falta de notoriedade e valor, é que tantas vezes o levava a crises de agressividade e desapontamento.

Fiz o possível para então, promover a ele, um ensino de qualidade, junto com a inserção dele com a turma, num mesmo ritmo, e embora ele implicasse bastante com os colegas, no fim tinham uma boa interação e participação em equipe, onde um ajudava o outro e ele mesmo ajudava a muitos.

No início do ano tivemos ainda alguns problemas de relacionamento com os colegas, com o ambiente e com esta nova realidade, parte de um processo de adaptação de um novo universo, no qual ele também era protagonista e era co-participante de tudo que ocorria e que realizávamos. Neste universo, não existia o “aluno especial”, não havia uma divisão entre a turma e o aluno incluído, existindo apenas os alunos da turma, a turma, a equipe. E isto fica bem claro num dos relatórios que fiz, ainda no segundo bimestre, no mês de maio, que retrata a grande evolução percebida, embora se mantivesse ainda todas as circunstâncias pertinentes ao quadro do aluno. Segue abaixo.

Escola Municipal Nicolau Antonio Taunay

Relatório do aluno

Desde o último relatório, feito em março, o comportamento do aluno [redacted] já mudou consideravelmente. Este, agora se mostra extremamente amoroso, com os professores e colegas de classe.

A aceitação da turma foi unânime, todos o tratam com muito carinho e sentem sua falta se ele não está presente. Momentos delicados, que antes causavam seriedade, agora se tornam sutis com a presença do [redacted] que consegue com simples gestos, transformar as situações em momentos de graça. Antes mesmo de um problema chegar até mim, o aluno, que é extremamente observador, interfere dizendo para as outras crianças que não pode, ou as fala para pedir desculpas, exatamente como eu faria. Isso acaba fazendo com que as crianças resolvam os próprios problemas entre elas e riem de tudo depois, pois como havia dito, I [redacted] é direto nas colocações e ao mesmo tempo engraçado, tornando os momentos mais suaves.

Ele é muito observador e presta atenção em detalhes de um ambiente, que antes ninguém se dava conta. Adora fazer “entrevistas” com as pessoas, perguntando da vida particular. Tem fascínio por assuntos que envolvam automóveis. Porém, não gosta de falar muito de si próprio.

Agora, o barulho não o incomoda tanto, pois ele aprendeu a conviver com ele, aprendeu que ele não está sozinho na sala de aula. Também já não tem tanta necessidade de ir atrás da professora, já consegue esperar que ela volte para a sala, embora ele fique na porta, esperando seu retorno.

Na parte dos estudos, [redacted] demonstra grande interesse pelas atividades, e gosta muito de fazê-las, embora sempre pedindo orientações. Ele costuma dizer que precisa de ajuda, pois é a primeira vez que ele está fazendo e não saberia sozinho. Fala essa, que já está sendo desmistificada, pois já estamos em maio, e já não é mais a primeira vez. Seu caderno está bem mais organizado, em vista ao início do ano, sua letra diminuiu e o espaço da folha é mais bem aproveitado agora, além de não haver necessidade de confeccionar material adaptado para ele, pois ele acompanha a turma muito bem, inclusive tirou ótimas notas nas provas do 1º bimestre, e fez as provas na sala, junto com sua turma, não havendo necessidade da intervenção da professora da sala de recursos para aplicação de outras, devido ao seu sucesso. Válido lembrar também que ele consegue fazer cálculos mentais, com êxito, quando, por exemplo, ele pergunta qual a idade da pessoa e imediatamente e diz qual o ano do seu nascimento.

Penso que o [redacted] está verdadeiramente incluído, no contexto da sala de aula, pois não há diferenças entre ele e os outros. Contudo, houve uma única situação que acho por bem relatar com detalhes. Segue abaixo:

15.05.2013

Em 15.05.13, o aluno chegou na escola fingindo que não estava vendo ninguém, para conseguir chamar sua atenção foi preciso fazer cócegas!

Depois, na sala, ele estava muito amoroso, me abraçando o tempo todo e também aos colegas.

Quando voltou da merenda, novamente ele fingiu que não estava na sala. Ficou muito tempo na porta, parado, olhando para o teto, com um sorriso no rosto, como se fosse brincadeira. Deixei que as crianças o chamassem para entrar, mas ele se manteve estático. Fui em sua direção e o chamei, ele continuou fingindo, então começamos a

brincar, até que ele desse uma gargalhada, porém voltou a ficar sério. O chamei para sair da sala, quando então ele falou que “já estava bom”.

Sentou-se, ficou quieto, mesmo com o barulho dos colegas, mexendo em minha mesa.

Em um determinado momento, o aluno me perguntou se eu tomava remédio, eu respondi que sim, de vez em quando. Quando eu o perguntei o porquê, e se ele tomava, ele fingiu que não ouviu e ficou me ignorando.

Ele estava tentando de tudo para chamar minha atenção, inclusive ficou olhando fixamente para dentro dos meus olhos.

A turma foi para a Educação Física, ele também, mas quando retornei a minha sala, encontrei o aluno sozinho, andando vagarosamente.

Conversei com ele e, finalmente, fomos juntos para a aula de Educação Física. Alguns minutos depois, [redacted] pediu para beber água, e assim como havia feito da primeira vez, não retornou para a aula.

Quando me dei conta, corri para procurá-lo e acabei o encontrando junto da professora da sala de recursos, que também achou seu comportamento muito estranho.

A turma voltou para a sala e foi difícil manter a concentração, pois todos estavam incomodados com o comportamento do [redacted]. Acabei ligando para sua mãe vir buscá-lo, mas ela só chegou quase na hora da saída. Ao saber de sua chegada, arrumou seu material correndo e, como um foguete, saiu para encontrá-la. Não quis mais conversar comigo, me abraçou com muita força e bem rápido, puxou sua mãe e foram embora.

No dia seguinte, em uma conversa com sua mãe, consegui perceber o que havia ocorrido. O fato é que naquela manhã, o aluno não havia tomado um remédio, como de costume, pois este havia acabado, contudo, este remédio não tem influência em seu comportamento, ele apenas ajuda o aluno a ter um sono tranquilo, já que passava tantas noites de sono agitado.

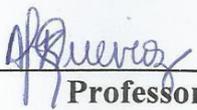
Para [redacted] o fato de não ter tomado remédio, o deixou muito confuso, inclusive ele repetiu por várias vezes que se ele não tomasse o remédio “ficaria maluco”, mesmo essa expressão não sendo utilizada em classe. Sendo assim, passou a teatralizar um comportamento diferente, fingindo que estava em outro lugar ou que era outra pessoa.

Assim que ele chegou em casa, naquela tarde, sua mãe lhe deu o remédio para tomar, e quase que num efeito instantâneo, o aluno voltou a se comportar como habitualmente.

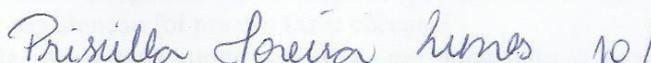
Nos dias posteriores ele agiu naturalmente, como de costume.

Atenciosamente,
Ana Lúcia Queiroz

Rio de Janeiro, 28 de maio de 2013.

 101.

Professora Regente

 101.

Professora Sala de Recursos

 121.

Direção da Escola

Sendo assim, o trabalho iniciado em fevereiro, foi dando continuidade ao longo do ano, de maneira que o aluno pudesse ter um ambiente propício para seu aprendizado, com melhor aproveitamento das suas potencialidades. E através deste sucesso escolar, logo em seguida, recebi um novo laudo médico, fazendo uma nova análise do aluno, que embora fosse muito pouco perto do que ele era e é capaz de realizar, já foi motivo de imensa alegria poder saber que ações positivas, alcançaram respostas positivas. Segue abaixo.

	Saúde Ministério da Saúde	SUS Sistema Único de Saúde	GOVERNO FEDERAL
RECEITUÁRIO			
NOME:		Prontuário:	
SEMPRE QUE VIER AO HOSPITAL, TRAGA O SEU CARTÃO.			
<u>À Escola</u>			
<p>Menor com distúrbio de comportamento por atraso cognitivo, apresenta melhora consideravelmente após troca da medicação para risperidona em março, melhorando relacionamento, comportamento e aprendizado, exceto por alguns episódios isolados de descontrole emocional, aceitáveis para o quadro.</p>			
DATA: 29/05/13		// MÉDICO - CRM	
FUMAR FAZ MAL À SAÚDE			

Como podemos perceber, de acordo com a avaliação médica, a melhora do quadro do paciente/aluno, se deu devido à troca de medicamentos, e em nenhum momento foi mencionada uma nova possibilidade de vida, o sucesso na escola e a influência do meio na vida do mesmo. Entretanto, tenho a certeza e convicção, que todos esses tópicos assinalados por mim, fizeram, além da nova medicação, uma mudança considerável na vida do mesmo.

Digo isso, fortalecida das sábias palavras do mestre Paulo Freire, quando diz: *“Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno, um simples gesto do professor.”* (Freire, p.42, 1996). As idéias de Paulo Freire, expressas em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, fazem com que eu reflita cada dia mais sobre minhas ações enquanto educadora, e sobre o peso do meu juramento, no ato da formatura. Um professor tem responsabilidade para com seu alunado, e independente de qual seja, ele tem o dever de fazer o seu melhor, de criar possibilidades para um aprendizado pleno e sem fissuras.

E assim o fiz, dando o meu máximo para que todos os alunos pudessem estar completamente à vontade com a inclusão. Porém, tinha uma grande preocupação, aonde o aluno ia estudar no ano seguinte, já que na escola que leciono só atendíamos na época, até o 4º ano do Ensino Fundamental, e tinha medo que ao se deparar com uma nova realidade o aluno pudesse regredir e voltar a ter comportamentos já deixados de lado. Contudo, por parte do aluno, ele queria muito ir para outra escola, onde tivesse alunos maiores, “grandes como ele”, como ele mesmo costumava dizer, já que de acordo com a faixa etária daquela escola, os alunos eram pequenos ainda, os centros de interesses eram diferentes dos dele. Sendo assim, ficava mais tranqüila, quando percebia que ele tinha a certeza de que queria e podia bater asas em lugares mais altos.

E assim aconteceu, no ano de 2014, o aluno foi para uma nova escola, perto de nós, mas com outro público. E então no 5º ano, aprovado com louvor, já em nova escola, nova turma, nova professora e novos amigos, pude observar, ainda que de longe, que a semente plantada ainda germinava, e que seu sucesso, principalmente na área da matemática, permanecia.

Nos anos de 2014 e 2015, o aluno continuava freqüentando a sala de recursos na escola que leciono, no contra-turno de suas aulas, e desde então todas as segundas e sextas pela manhã, recebo em minha sala a visita freqüente do mesmo, que chega sempre de forma espontânea, e na maioria das vezes, me dando um susto tremendo. Ele já faz parte da rotina da minha turma, tanto que quando ele não vai, por algum motivo,

meus alunos me perguntam por ele, e morrem de rir de suas brincadeiras e de seu jeito engraçado quando ele se faz presente. Com isto, posso conviver ainda com ele, um pouquinho que seja, me proporcionando a mesma alegria de anos atrás, e conseqüentemente fico sabendo algumas coisas do que ele tem passado na escola, e logo percebo que não é muito diferente do que vivemos.

Em 2015, ficou um pouco mais confuso para ele o fato de ter vários professores, já que neste ano está cursando o 6º ano do Ensino Fundamental, e reclama muito do fato de até meados do ano, ainda não ter professor de matemática, geografia e ciências para sua turma, e justamente a matemática que ele tanto gosta.

Como aluno, ele continua apresentando um excelente desempenho nas aulas, refletido em suas notas, e, além disso, sua criticidade está cada vez mais a florada. Numa de suas visitas à minha sala, me contou que havia feito na aula de história, um texto de cinco páginas, e que a professora tinha gostado muito. Pedi para ver, e pelo que já conhecia do aluno, não podia ser diferente, ele discorreu, a seu modo, sobre problemas sociais que o incomodam muito. Escreveu exatamente como fala, sem conectivos, mas de forma clara relatou como anda nosso país. Segue abaixo:

X
X

RIO 291412095

Muito legal você ser um aluno tão informado sobre política!! Gostei muito

Eu gostaria que nosser o governo tem um pequeno texto, no caderno, sobre como noscer de aviação neste 1ª semestre. O que noscer tiveram de ler na 1ª e o que não foi tão legal. O que mais gostaram e em que precisam melhorar. Porque não gostei primeiro semestre porque não tem professor de matemática nem geografia nem de ciência. Estou chatando o prefeito, o governo e presidente e não quer pagar os professores

kajoma

0 5 7 0 0 5 5

eles não foram ~~inimigos~~ B. Vane
se quer entrar para cada tra
e ganhar eleições depois não bastam
nada. É política no saber
Roberto Branc. eles prometem colocar
mais médicos, mais professores
na política não mentirosos.
Eu não ^{comigo} sei colocar tanta culpa
se deira a MPA a longo prazo, eles não
ajudam agente. Pessoas reclamam eles
colocam mais policiamento far
barrelas, mandaram colocar polícia
no morro, no ^{no} morro mais. Mês
passado matou a mulher e menino
eles não tem noção seu a

mesmo os pais dos alunos tinham
espera mesmo os fazedores entrarem
em greve porque a do salário.
Porque o governo quer fazer o país
não quer pagar os fazedores porque
a greve não tem problema. O governo
não quer pagar trabalhadores este
político não quer de país. Eu não sei
porque eles colocam a greve a ser
na casa tem greve. A política
As empresas estão tirando o trabalho para
colocar as suas coisas o governo
queria a ajuda a empresa nem a ajuda
a empresa o governo quer a ajuda da
petrobras. Na empresa de ônibus
eles estão mandando pessoas embora
o pessoal de empresa.

não quer pagar os médicos nem a
escola nem hospital. Braille está
passando uma vergonha os
políticos não sabem roubar e não
sabe, a Petrobras este político
ele não promete e depois pagam
coisas erradas no menor preço ele pretende
maior sorte ele não pretende os políticos
acha é o dono do mundo, o dono do Brasil
sem pessoas que não podem ser
candidatos, ele não pode mandar a
gente votar nele ele não respeita
gente tem pagar a multa. Ele não
tem inogão. O dono da televisão
é obrigatório pagar não pagar tem
pagar a multa por estar errado não
é obrigatório pagar ele paga em dinheiro

uma metade de mentirões. a família
sua recontado por causas e leles e não
gostei do primeiro semestre por causa
uma de políticas super a transição partida
de ano mas sem professor como nomes
partida ele super os pacientes sua
sem mas de no precisa de cirurgia
precisa de médico mas não tem
ni chegar do hospital da UBA manda
de no ni embora de no sua de can
ele manda com em do outro hospital
da outro UBA chegar não tem atendimento
de da passagem já está caro de no sua
sem dinheiro como de no se re o tar
pra cará como o motorista não aceita em
o carona.

Com esta belíssima demonstração do que um aluno (d)eficiente, é capaz de fazer, de pensar, de escrever, penso estar cada vez mais próxima de um ideal de inclusão, e espero que através das minhas experiências enquanto educadora, possa contaminar um pouquinho que seja, cada um que ler este trabalho.

4. Considerações Finais

A educação tem como finalidade, formar o ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade. Dessa forma, não se pode haver diferenças entre as inúmeras possibilidades de alunos que podemos ter, e com isto, precisamos estar atentos de modo a propiciar um ambiente acolhedor e sócio-interativo, capaz de formar qualquer ser humano, para qualquer tipo de sociedade.

A partir das experiências relatadas ao longo deste trabalho, vimos o quão lamentável é a história da Educação Especial, além de algumas políticas públicas e práticas implementadas no modelo de inclusão, que nos fazem refletir o quanto estamos distantes de um ideal de educação inclusiva, já que, por vezes, a lei não acompanha a realidade da sala de aula, e precisamos lutar, ainda que sozinhos, por uma educação que acreditamos.

Pensamos aqui, sobre a questão do “ser diferente é “normal”, estranho é ser igual”, já que o ser humano é por natureza diferente uns dos outros, e possui características únicas, que precisam ser respeitadas. Assim como meu aluno, inspirador de grande parte deste trabalho, que nos apresentou possibilidades de uma nova forma de encarar essas diferenças, de encarar as dificuldades.

Considero que para enfrentar essas dificuldades, transformando-as em desafios, é necessário rever todo o currículo a ser trabalhado, mediante as possibilidades do aluno a ser incluído.

Segundo Tomaz Tadeu da Silva (1999),

“... as teorias do currículo deduzem o tipo de conhecimento considerado importante justamente a partir de descrições sobre o tipo de pessoa que elas consideram ideal. Qual o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade? Será a pessoa ajustada aos ideais de cidadania do modelo estado-nação? Será a pessoa desconfiada e crítica dos arranjos sociais existentes preconizadas nas teorias educacionais críticas? A cada um desses “modelos” de ser humano corresponderá um tipo de conhecimento, um tipo de currículo.”

(Silva, 1999, p.15)

Sendo assim, penso que o currículo de um aluno incluído necessita ser adaptado e adequado àquilo que o aluno é capaz de desenvolver com autonomia, pois parafraseando o autor, para cada tipo de ser humano, corresponderá um tipo de conhecimento. Assim como, este mesmo currículo precisa estar coerente também com o

desenvolvimento do trabalho com toda a turma, e não só do aluno incluído, e vice-versa. Este aluno precisa estar inserido de forma a fazer e desenvolver as mesmas atividades e habilidades, contudo a seu tempo e seu jeito único, transformando então, o que antes parecia uma dificuldade em possibilidades.

Desta forma, concluo reafirmando que uma educação inclusiva é possível sim, transformando a sala de aula em um ambiente natural para todos os envolvidos, e lembrando sempre de ressaltar os acertos, elogiar as conquistas, de modo a promover novas possibilidades para uma trajetória, assim como a de meu aluno, de sucesso.

5. Referências Bibliográficas

SILVA, Otto Marques da. A EPOPÉIA IGNORADA--A Pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje. São Paulo--CEDAS, 470 p. 1987.

FIGUEIRA, Emílio. CAMINHANDO EM SILÊNCIO: uma introdução à trajetória das pessoas com deficiência na História do Brasil. 2008

PLETSCH, Márcia Denise. REPENSANDO A INCLUSÃO ESCOLAR: diretrizes políticas, práticas curriculares e deficiência intelectual. Rio de Janeiro. 280p. 2010

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Acesso em: < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L4024.htm>

BÍBLIA SAGRADA, Levítico, 21: 17-20. Acesso em: <http://biblia.gospelmais.com.br/levitico_21:20/>

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL. Artigo por Colunista Portal - Educação - quinta-feira, 26 de julho de 2012. Acesso em: <<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/15050/disturbios-de-aprendizagem>>

MAZZOTTA, Marcos J. S. Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Breve histórico da educação especial no Brasil. Revista: Educación y Pedagogía, Medellín, Universidad de Antioquia, Facultad de Educación, v.22, n. 57, maio /ago. 2010.

GLAT, R.; FERNANDES, E. M. Da educação segregada à educação inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da educação especial brasileira. Inclusão - Revista da Educação Especial, Brasília, n.1, p. 35-39, out. 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>>. Acesso: 7 set. 2010.

LITWINCZUK, Lilian. EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA NO BRASIL: Trajetória Histórica. CIANORTE. 2011

CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DAS DOENÇAS. Acesso em: <<http://cid10.bancodesaude.com.br/cid-10/capitulos>>

FREIRE, Paulo. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: Saberes necessários à prática educativa. PAZ E TERRA. 1996. 30ª edição 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. DOCUMENTOS DE IDENTIDADE. Belo Horizonte, Ed. Autêntica. 1999. p.15.